

HENRIQUES NOGUEIRA

COMMEMORAÇÃO DA DEMOCRACIA PORTUGUEZA

O dia 23 de janeiro deve contar-se na historia da civilização portugueza como o da perda prematura de um talento dotado de um profundo criterio politico, de uma capacidade scientifica para formular e comprehender as necessidades do seu meio social, e de uma independencia de caracter para affirmar os seus principios no meio do conflicto dos partidos monarchicos que, brigando entre si os favores da realza, exploravam os protestos da nação para ludibrial-a depois de servidos. Esse homem, para nós extraordinario, porque morreu contando apenas trinta e tres annos de idade e já então os seus trabalhos politicos eram de tal natureza, que os principaes espiritos da sociedade portugueza se agrupavam espontaneamente em volta d'elle, esse homem estava destinado a modificar estes cincoenta e cinco annos de esterilidade do Constitucionalismo pela superioridade de vistas do seu espirito dirigente. José Felix Henriques Nogueira é um nome desconhecido entre as glorias officiaes portuguezas; a sua tradição conserva-se entre alguns velhos democratas que o conheceram, mas que fizeram um absoluto silencio sobre a sua memoria desde que por falta de um apoio moral se foram um a um bandeando para a saturnal monarchica, onde se deram por pagos da abjecção por prebendas e cartas de conselho. O nome de Henriques Nogueira ficaria inteiramente esquecido, se as suas ideias não sobrevivessem em alguns livros, dos quaes a critica e o estado actual da sciencia politica e das aspirações democraticas deduzem a sua validade moral e a disciplina da sua intellectualidade. Se algum nome merece a glorificação da historia pela pureza dos seus intuitos altruistas, é o de Henriques Nogueira; para a sociedade civil, que soffreu os miseraveis atten-

tados da monarchia em 1842, as repressões que motivaram o levantamento de 1846, a traição real que chamou a intervenção armada estrangeira em 1847, e que viu ainda as tropelias de um absolutismo mascarado repremido pelo atraído movimento de 1851, Henriques Nogueira foi o typo do grande cidadão lavrando a sentença contra todas essas infamias. Elle escreveu estas memoraveis e solemnes palavras que são a base do seu livro: «Quizera que n'um paiz como o nosso, emancipado por cruentos esforços da tutella humiliante, egoista e sanguinaria da monarchia absoluta, causa do regimen expoliador, traiçoeiro e faccioso da monarchia constitucional, necessitado de restaurar as forças perdidas em luctas estereis e de cicatrizar feridas que ainda gotejam, ávido emfim de gosar as doçuras da liberdade porque tanto ha soffrido, o governo do estado fosse feito pelo povo e para o povo, sob a fórma nobre, philosophica e perstigiosa da REPUBLICA.» A sua indignação levava-o para a justiça, e a sua intelligencia fortificou-o n'essa verdade. A Republica ficou moralmente proclamada em Portugal desde 1851; a aspiração inconsciente apparecera em 1820 e inspirou os discursos viris do sublime martyr Borges Carneiro, porém a sua fórmula consciente, isto é, historica e scientifica, só appareceu no livro dos *Estudos sobre a Reforma em Portugal*, publicado por Henriques Nogueira em 1851. O partido republicano portuguez tem uma tradição e uma individualidade; a Revolução de 1820, por mais sophismas que empregue o Constitucionalismo para a falsificar com as *outorgas* liberaes, hade ser sempre a iniciação da era democratica em Portugal; o nome de Henriques Nogueira, por mais obscuridade em que o envolvam as glorias officiaes, hade ser sempre o vulto surprehendente que determinou a solução positiva para o futuro democratico das nacionalidades peninsulares. Se Henriques Nogueira puzesse o seu estylo ao serviço de sentimentos reaccionarios, idealizando a vida parasitica e a acção estupidecente dos frades; se vivesse encostado ás generosidades do paço e á sombra d'esse poder occulto, o rei D. Fernando, que machinou as reacções de 1839, 1842 e 1847; se declarasse, como Herculano, que não escrevia a *Historia de Portugal* para a nação, e que a nação não lhe devia nada, porque tivera em vista agradecer a generosidade do rei; se conservasse o silencio o mais absoluto diante das torpezas da dictadura palaciana, e berrasse em folhetos e livros contra mediocres censuras de um ou outro clerigo boçal; se emfim contradissem as affirmações da sua vida com factos immediatos, como a these da não propriedade litteraria vendendo á Academia das Sciencias um supposto Diccionario, e o casamento civil do Codigo, que elle transtornou, submettendo-se em seguida ao sacramento, n'estas condições era verdadeiramente uma gloria official, era o Ca-

tão do constitucionalismo, e a burguezia rica, mas sem ideias, ia atraz das manifestações e da prosa bombastica das circulares subscrever com alguns contos de réis para a erecção de um monumento. Tal é o sentido do monumento a Herculano; uma homenagem inintelligente a um individuo não julgado. Henriques Nogueira tem apenas uma lápide no cemiterio do Alto de S. João; quinze individuos se cotisaram para lhe poderem escrever no tumulo estas palavras—*Apostolo fervoroso da liberdade, egualdade e fraternidade*. Mas estas palavras só por si exprimem vagas aspirações; no lemma sepulchral accrescentaram: *Foi strenuo defensor da Doutrina democratica e da Ideia da Federação politica das Hespanhas*. Assignavam essas memorandas palavras José Estevam, Antonio Rodrigues Sampaio, Carlos José Caldeira, José de Torres, e outros homens distinctos, e rematavam: *O futuro julgará suas Opiniões e as de muitos que lhe sobreviveram*. De facto o futuro foi tornando-se presente, evolvendo-se dos germens lançados pelo passado, e as ideias de Henriques Nogueira recebem a confirmação da politica scientifica. O livro de Pi y Margall, *As Nacionalidades*, publicado em 1877, e o desenvolvimento do grande partido federal em Hespanha, que procura coordenar em uma unidade consciente todos os elementos separatistas hespanhoes, por meio de um pacto de colligação politica, vem confirmar as previsões do grande iniciador portuguez. A morte de Henriques Nogueira em 23 de janeiro de 1858 foi tambem um desastre para as primeiras intelligencias da politica portugueza; José Estevam volveu-se para a politica monarchica, e foi esterilizar-se no parlamentarismo no grupo historico; Sampaio foi infleirar-se no grupo regenerador, onde o respeitaram sómente pelo seu passado democratico; outros fugiram da politica, e acantonaram-se nas secretarias, exercendo o despotismo dos traços de penna e accumulando gratificações. O futuro julga hoje as ideias dos que sobreviveram a Henriques Nogueira; uns quizeram a vida da acção indo com as forças conservadoras, outros venderam-se, outros desalentaram-se, e tudo porque não tinham nem ideias, nem convicções. É isto o que torna mais eloquente e imperecível o monumento modesto do grande iniciador.

José Felix Henriques Nogueira nasceu em 25 de janeiro de 1825 em uma freguezia proxima de Torres Vedras; herdeiro de uma grande fortuna, achou-se em uma independencia indispensavel para julgar a acção dos partidos monarchicos, que, á falta de ideias, tem apenas a cohesão dos interesses. O facto de ter vivido em Torres Vedras fel-o conhecer muito cedo os crimes da monarchia constitucional e as traições dos que em 1847 atraçoaram n'esse reducto invencível a causa da nação. Assim se achou o seu espi-

rito levado para a analyse das instituições no bello livro dos *Estudos sobre a Reforma em Portugal*, indo em seguida completar os seus estudos sociaes em uma viagem pela Inglaterra, França, Belgica, Allemanha e Hespanha, em 1853. Em 1854 fundou um jornal o *Progresso*, e collaborava nos jornaes mais lidos de Portugal, o *Panorama*, o *Ecco dos Operarios*, a *Revolução de Setembro*, *Jornal da Associação industrial do Porto*, e *Scalabitano*; a sua actividade exercia-se em uma propaganda disciplinada no *Almanach democratico*, de 1852 a 1855, no *Almanach do Cultivador*, de 1856 e 1857; contra a absorpção do centralismo monarchico trabalhava para avivar a tradição das garantias locaes, e em 1856 publica para o povo *O Municipio no seculo XIX*, e preparava um *Catecismo democratico*, quando foi repentinamente surprehendido pela morte em 23 de janeiro de 1858. A este facto accidental deve a monarchia representativa mais vinte e tres annos de esterilidade, de esgotamento da riqueza publica e de dissolução dos caracteres. Que um Casal Ribeiro affirme o advento inevitavel da Republica no opusculo *É tarde*, e diga depois no parlamento que a monarchia é a condição da autonomia nacional, não vêmos n'isso senão uma das muitas consequencias deploraveis da morte prematura d'esse grande espirito disciplinador, cujo nome deve ser a divisa de todo o partido que ainda crê no futuro da nacionalidade portugueza.

THEOPHILO BRAGA.

O JESUITISMO NOS SECULARES

A proposito do novo livro do sr. Teixeira Bastos

Um facto extremamente curioso na vida social portugueza é o desequilibrio manifesto entre a opinião publica, as instituições do estado e os costumes. Curioso, chamamos ao phenomeno, á falta de nome que melhor exprima o que á primeira vista poderá parecer a transgressão de uma lei historica—a que estabelece rigoroso parallelismo entre as instituições e leis que dominam um paiz e a opinião geral n'elle manifestada. Provemos desde já o facto e procuremos-lhe depois a causa.

A instituição monarchica e os seus partidos estão abaixo da opinião dos que votam. Ouve-se dizer por toda a parte aos mais estrenuos defensores de tal ou tal facção politica militante: a Republica é certamente o melhor de todos os governos, mas . . . o povo não está preparado para recebê-la.

A carta constitucional está repleta de anachronismos, de disposições irrisorias e de outras que são um attentado manifesto á liberdade individual; reclama urgentemente uma revisão completa. Isto diz-se e sente-se geralmente; no emtanto os mesmos que o affirmam, acham . . . inoportuna uma constituinte.

Ha disposições leaes vetustas, incomprehensiveis, cheias de ridiculo, como a que ordena ao paiz a religião catholica. Affirma-se isto nas conversas intimas por entre as casquinadas de um riso ironico; mas os registos civis portuguezes em materia de baptisados e casamentos não conseguiram ainda fazer concorrência notavel á egreja romana.

Ha costumes grotescos, offenbachicos, como as procissões, que

despertam a todos um movimento de desprezo; mas as procissões continuam a sair e o povo a concorrer a ellas.

Ha uma instituição pavorosa, condemnada pelo bom senso geral, repulsiva ao maior numero, o exercito; mas o exercito persiste e todos pagamos para elle.

Ha uma coisa imbecil, que se chama o culto; dil-o todo o homem despreoccupado, que todavia trabalha para o culto, que paga essa coisa obsoleta de que não gosa, que lhe é antipathica, que elle repelle.

A adoração das imagens é um fetichismo grosseiro, primitivo, um velho residuo dos tempos inconscientes; dizem isto aquelles mesmos em cujas casas imagens de todos os preços, de todas as grandezas, de todos os feitos, de todas as proveniencias maculam a alvura das paredes.

O milagre é hoje, dil-o uma opinião geral, pura e simplesmente um ultimo laço armado á bronca credulidade de alguns espiritos atrazados, por um clericalismo farçante. E no emtanto os que assim pensam, não se arrojam a dizer duas palavras ellucidativas sobre este ponto a um pobre criado boçal que os serve... porque é perigoso.

Reclama-se contra o emprego brutal da pancadaria no ensino da infancia; e comtudo estão cheios de alumnos os collegios em que esse processo torpissimo diariamente se pratica.

Porque existe uma tão manifesta contradicção entre os pensamentos e os actos? Será porque as convicções não são sufficientemente firmes? Em muitos casos, na grande maioria d'elles, a razão não é essa, podemos affirmal-o. As convicções individuaes são perfeitamente seguras; tanto é assim que para justificar uma condemnavel transigencia não se invoca nunca uma duvida, um receio vago de errar, um *quem sabe?* do que vacilla e teme não ter attingido a verdade. Não; o que se invoca é simplesmente a necessidade de manter uma *ordem* de que nos rimos, a urgencia de respeitar *tradições* que em consciencia desprezamos, a utilidade de não nos expormos nas fileiras dos avançados, ponto de honra perigosissimo, prejudicial no *meio constituido*. No fundo a mesma causa sempre, a mesma razão em todos os casos: a hypocrisia, para manter e justificar a qual creamos o phantasma do *povo*, das *massas ignorantes*, das *ultimas camadas sociaes*. Este phantasma é comodo; permittiu hontem, permite hoje e por muitas horas do dia de amanhã permittirá ainda a exploração indigna das massas, o obscurantismo da classe industrial, o roubo ao pobre sob a fórmula legalisada do imposto, a servidão apathica do cidadão mais util aos governos mais ineptos.

E o que é no fim de tudo, esta triste orientação do espirito

portuguez senão o effeito remoto do ensino jesuitico que nos dominou? O que significa esta transigencia ordeira de cada um com as cousas que condemna, esta eterna hypocrisia, senão a inoculação do jesuitismo no espirito dos seculares? O que é este systema falso de existencia, este horror á grande maxima da moral positiva—*Vivre au grand jour*—senão o processo do jesuita, a imitação do que elle doutrina e pratica?

Ha um jesuita no fundo de muitos seculares. A batina ou a sobrecasaca são accessorios; o espirito incohercivel do ultramontanismo esconde-se indifferentemente e com a mesma commodidade sob todas as roupagens.

Dirá alguém interrompendo-me para contestar o meu ponto de partida: Se ha transigencia é porque falta a firmeza das convicções; os que se dizem apóstolos dos novos principios são ainda os crentes da velha ordem. Podiamos discutir esta opinião, mas não é preciso, porque longe de infirmar a nossa conclusão, ella confirma-a; ainda que por maneira diversa caímos sempre na mesma consequencia final. Não será ainda uma hypocrisia, um symptoma do velho espirito jesuitico, ter uma opinião e affectar uma outra, pensar por velhos moldes e transigir com as novas ideias? Ninguem o contestará. Sempre o mesmo receio da luz!

Por isso quando ouço gritar de todos os lados—que penetram em Portugal os Jesuitas, sinto a necessidade de dizer—que elles nunca de cá saíram. Desde que o jesuitismo abandonou os ideaes religiosos para proseguir fins politicos, deixou de ser uma ordem catholica de padres para tornar-se um simples processo de ludibrio social a que subscrevem com egual vontade os discipulos de Loyola, os farçantes politicos da monarchia, os conservadores, todos os que lucraram com o obscurantismo, todos os que têm receio de ferir a retina á grande luz democratica do seculo.

O illustre escriptor Teixeira Bastos no seu livro os JESUITAS, não se colloca no ponto de vista exclusivo, e por exclusivo falso, de guerra a uma classe, mas aos principios que ella preconisa melhor talvez do que ninguem, de accordo no emtanto com muita gente que não veste sotaina. O seu livro, que nada tem de commum com os gritos rhetoricos do nosso jornalismo, lembra-nos um livro identico do meu amigo, o illustre positivista francez Eduardo de Pompery; é um trabalho de propaganda, baseado sobre dados historicos.

O sr. Teixeira Bastos, como discipulo da Philosophia Positiva, não escreve periodos rancorosos; emitta pacificamente doutrina. O escriptor lisbonense sabe bem que o que primeiro devemos tentar por todo um systema de esforços continuados, é a eliminação do *jesuita-secular*; quando esta se obtiver, a do *jesuita-padre* estará

adquirida. Quando o espirito publico estiver esclarecido, os Jesuitas não são possiveis na sociedade e então será inutil reclamar contra elles a acção cohercitiva dos governos. É n'este sentido social que o Positivismo portuguez deve trabalhar, segundo creio. É tambem n'este sentido que trabalha o sr. Teixeira Bastos e todos quantos, orientados no espirito de positividade, ambicionam um futuro de paz e de civilisação para o nosso paiz.

Porto, dezembro de 1880.

JULIO DE MATTOS.

ACÇÃO DEFINITIVA DA PHILOSOPHIA POSITIVA

Augusto Comte, fundando a Philosophia Positiva, teve em vista não só crear uma disciplina mental, uma orientação segura, no meio da anarchia e da confusão que reinava em todos os espiritos pela decadencia do catholicismo e multiplicação dispersiva dos systemas metaphysicos, mas principalmente contribuir de uma maneira efficaz para a solução da crise profunda de que aquelles phenomenos eram symptomas evidentes. A profunda intelligencia e a poderosa preparação scientifica de Comte permittiram-lhe descobrir a direcção progressiva da humanidade e a sua marcha ascencional no sentido do maior desenvolvimento e perfectibilidade individual e social. A evolução humana foi conjunctamente scientifica, artistica, moral, economica e politica, sendo os gráus das civilisações cada vez mais superiores, relativamente uns aos outros, desde a civilisação egypcia, para não recuarmos aos tempos antehistoricos, até á civilisação moderna. No *Curso de Philosophia Positiva*, traçou Augusto Comte o plano já percorrido da progressão geral da humanidade e tentou indicar a acção definitiva da sua doutrina, deduzida da corrente historica e da realidade dos factos observados. O homem, saindo do estado rudimentar e inferior de animalidade bruta, perdeu-se em divagações e especulações subjectivas e absurdas, derivadas de uma observação e de uma experiencia incompletas dos phenomenos naturaes, antes de chegar ao conhecimento real e verdadeiro das cousas; isto é, passou pelo mais difficil e mais complicado, antes de chegar ao mais simples e mais racional. Foi só depois de esgotar ínteira e inutilmente o campo da phantasia e do idealismo theologico e metaphysico, que o espirito humano se concentrou no dominio da phenomenalidade. Os esforços empregados na exploração dos factos reaes tem accumulado uma massa enorme de conhecimentos theoricos e praticos, que de dia para dia desenvolvem o estado de positividade das so-

ciedades modernas. Augusto Comte, considerando este progresso gradual da nova phase philosophica, procura determinar a acção normal que a Philosophia Positiva deverá exercer n'um futuro mais ou menos proximo, quando a evolução ascencional que se dá actualmente tiver chegado a um gráu de desenvolvimento, em que, as novas doutrinas tenham eliminado das intelligencias quasi todos senão todos, os restos da velha theologia e do metaphysismo revolucionario. A acção da Philosophia Positiva tem de influir directamente em toda a ordem de phenomenos que digam respeito á humanidade tanto os particulares ao individuo, como os geraes, os dos organismos mais complicados da ordem sociologica. Esta acção pôde considerar-se sob dois pontos de vista: mental e social; a acção mental pôde estudar-se pelo lado scientifico ou racional e pelo lado esthetico; a acção social pôde ver-se sob o aspecto moral e sob o aspecto politico. A esthetica como deve reflectir sempre o estado geral das sociedades, representando espontaneamente a natureza humana no seu conjuncto de phases diversas, só pôde ser considerada em ultimo lugar, como muito bem a considera Augusto Comte. Assim a acção definitiva do positivismo deve ser vista successivamente como scientifica, moral, politica e esthetica.

Sob o aspecto scientifico a principal propriedade da Philosophia Positiva é a unanimidade de crenças reaes e positivas que tende a estabelecer. Por unanimidade de crenças entendemos a generalisação do mesmo ponto de vista philosophico ou scientifico, ou a coherencia mental levada a todos os cerebros e a todas as regiões do globo, isto é, a mesma concepção do universo, de todos os phenomenos naturaes desde os mais simples aos mais complexos, admittida pela rasão humana n'um gráu tal de desenvolvimento e de extensão, como nunca existiu em tempo algum. Para se chegar a este resultado é necessario e indispensavel pôr de parte o *absoluto*, abandonando tudo quanto não possa ser sujeito á verificação e á comprovação scientifica; o espirito humano deve-se contentar com o vastissimo campo da phenomenalidade ou do relativismo, pois só n'este campo se pôde obter o consenso unanime. Assim a concepção do universo parte dos phenomenos observados, dos factos demonstrados, e é a synthese das verdades scientificas, das verdades tornadas evidentes e incontestaveis pela applicação rigorosa dos methodos positivos; esta concepção ou philosophia geral, destinada naturalmente a apoderar-se do dominio supremo das intelligencias e das consciencias, estabelece portanto a ligação superior entre toda a ordem de phenomenos, dos mais particulares aos mais geraes e dos mais concretos aos mais abstractos. Pelo contrario, todas as outras concepções philosophicas, — theologicas ou

metaphysicas, —partem das generalidades ou das especulações transcendententes *à priori* para as realidades da vida pratica criando um conflicto continuo e inevitavel entre a abstracção e a acção. Foi assim que a positividade espontanea das noções mais elementares, mais particulares, mais usuaes esteve sempre em desacordo com as especulações geraes e abstractas da theologia e da metaphysica, estabelecendo uma heterogeneidade philosophica. A nova doutrina como se basea n'essa positividade espontanea, estendendo-a das noções mais simples ás mais complexas, imprime a todas as ideias, a todos os actos, a todas as consciencias, o mesmo character positivo, fundando portanto a unanimidade philosophica, que nunca teve, apesar das suas pretenciosas ambições, o Christianismo ou a Egreja universal. Que o regimen positivo possui no mais alto gráu este character de universalidade que faltou a todas as religiões e a todas as concepções metaphysicas, é um facto evidente; as leis dos movimentos planetares, as da combinação dos corpos, etc. são egualmente aceitas na Europa, na America e na Asia, tanto pelos povos catholicos, como pelos protestantes, pelos buddhistas ou pelos seguidores de Confucius; os axiomas mathematicos têm egualmente curso em toda a parte. Os phenomenos naturaes estão sempre sujeitos ás mesmas leis e estas não differem em parte alguma e desde que se conhecem são recebidas por todos sem distincção de crença ou de religião.

Ao mesmo tempo que a acção da Philosophia Positiva se ha de fazer sentir como disciplina mental, mais efficaz e mais forte, do que a disciplina polytheista da Grecia e do que a disciplina do catholicismo, exerce-se tambem como elemento fecundo para o progresso e desenvolvimento de cada sciencia em particular, quer abstracta, quer concreta, e na applicação dos principios scientificos e das theorias geraes ao augmento das artes e aos aperfeiçoamentos industriaes. Todos os progressos realisados até hoje n'este sentido têm partido exactamente das noções positivas ou dos conhecimentos scientificos adquiridos já pela sociedade e não das phantasias mais ou menos absurdas da theologia e da methaphysica. Pelos immensos e admiraveis progressos effectuados pela positividade sob os regimens atrazados, pode-se apenas avaliar o que serão as artes e as industrias sob um regimen completamente positivo e adequado á nova ordem de cousas, como aquelle para que caminhamos.

Correspondente a este aspecto mental ou scientifico das sociedades futuras ha a considerar o aspecto social, tanto moral, como politico. Sob o ponto de vista moral a humanidade tende a substituir o dominio dos sentimentos egoistas pelo dominio dos sentimentos altruistas. Até ao presente o egoismo tem sido o movel

principal das acções individuaes; o altruismo, na verdade, á proporção que as civilisações humanas se têm sobreposto e que o homem se tem afastado da animalidade primitiva, foi pouco a pouco estendendo-se e desenvolvendo as relações entre o individuo e a especie; mas ainda assim a moral christã, a mais perfeita e superior, é inteiramente fundada no egoismo; a virtude tão exaltada pelos padres da Egreja e pelos escriptores ecclesiasticos sob o nome de Caridade tem ainda por base o egoismo espontaneo do homem primitivo, transformado porém de interesse material e immediato em interesse espiritual e ficticio. O christão exerce a caridade, não por amor do proximo, independente de qualquer outro pensamento pessoal, mas por amor da sua salvação futura; é um emprestimo que faz a Deus para ser pago no paraíso celestial, em gosos eternos e em beatitude divina, — é na realidade uma usura. A metaphysica trouxe a dissolução da moral theologica n'uma verdadeira anarchia; era inevitavel e, ainda mais, necessaria esta phase dissolvente em que se apresentaram theorias e doutrinas, as mais encontradas e dissidentes, desde a moral naturalista até á negação da moral. A moral positiva tende a formar-se, tomando por base o altruismo, pela comprehensão da solidariedade humana e pelo desenvolvimento dos affectos desinteressados e inteiramente benevolentes; o conhecimento das leis naturaes e da influencia do meio, da hereditariedade, do temperamento, da educação sobre o individuo é um dos elementos que mais dispõe o homem para a indulgencia e o prepara para evitar conflictos sempre desagradaveis e muitas vezes de consequencias desoladoras. A orientação positiva dará á moral uma energia e uma tenacidade, como em nenhum tempo possuiu a moral theologica, e que só pôde derivar de convicções scientificas bem arreigadas; e a moral positiva dominará completamente a conducta pessoal, a vida domestica e as relações sociaes, imprimindo a todas um caracter de unidade, em que a felicidade individual esteja ligada á felicidade da especie humana.

Sob o ponto de vista politico a Philosophia Positiva propõe-se a estabelecer um gráu superior de civilisação, em que se dê o completo equilibrio entre a ordem e o progresso, entre as forças staticas e as forças dynamicas. «Só a antiguidade, diz Augusto Comte, ponde realmente offerecer até aqui um systema politico completo, comportando uma inteira homogeneidade, e susceptivel de conservar, durante uma longa existencia, um caracter essencialmente identico: não se tem podido instituir depois senão transições mais ou menos chronicas, primeiro na edade media e em seguida sob a iniciação moderna.»¹ É um systema politico completo o que o novo

¹ *Cours de Ph. pos.* vol. vi, pag. 749.

regimen tende a estabelecer; a civilisação positiva será para o mundo moderno o que a civilisação hellenica foi para o mundo antigo. A separação constante entre os poderes espirital e temporal é uma das características do novo systema politico; esta separação effectuada pela primeira vez na edade media terá todo o desenvolvimento possível na phase positiva; o poder espirital pertence de rigor á Philosophia das sciencias, emquanto o temporal tem de ser exercido por representantes, mais ou menos numerosos, das forças activas dos organismos sociaes. Augusto Comte pretendeu determinar este novo systema politico, dando á industria exclusivamente o poder temporal, em vez de o dar á grande massa popular, como nos parece mais provavel considerando a progressão historica. Á frente da civilisação caminham os povos do occidente da Europa e serão estes decerto os que primeiro attingirão o gráu de desenvolvimento e de progresso compativel com a phase positiva—na Federação occidental europea, formada pelas republicas da França, Italia, Hespanha e Portugal. Este regimen politico é o de liberdade completa, tanto na esphera individual, como na esphera collectiva, e tem por ideal o maximo desenvolvimento humano pela evolução pacifica e progressiva.

Os tres aspectos descriptos da acção philosophica reflectir-se-hão espontaneamente nas concepções artisticas, que são um incentivo de aperfeiçoamento e um poderoso elemento civilizador, occupando na existencia humana um lugar bem importante entre a vida especulativa e a vida activa. A Philosophia Positiva, fornecendo ás intelligencias um ponto de vista superior e synthetico, destinado a reger tambem os sentimentos, favorece directamente a expansão esthetica e o desenvolvimento perfectivel das Bellas-Artes; o ideal artistico, acompanhando sempre os progressos sociaes, abandona as velhas fontes de inspiração, como as guerras, as religiões, os sentimentos egoistas, e aceita a orientação philosophica, indo beber a inspiração á vida laboriosa e pacifica das novas sociedades, á conquista e dominio das forças naturaes pela humanidade e á solidariedade humana. Assim sob o ponto de vista esthetico a influencia do positivismo não é menos importante, nem menos effcaz para as sociedades modernas, do que considerado sob os aspectos scientifico, moral e social.

Sob todas estas faces a acção da Philosophia Positiva é de dia para dia mais acentuada e effectiva, aproximando a humanidade do maior gráu de civilisação, que as intelligencias podem actualmente conceber, — da phase superior, em que essa acção positiva será normal e constante.

O CRIME E A RESPONSABILIDADE

Le scélérat n'est pas scélérat par un choix délibéré des avantages de la scélératesse qui ne sont que duperie, ou pour les jouissances de la scélératesse qui ne sont qu'embûches, mais par une inclination de sa nature faisant que le mal lui est un bien et le bien un mal.

DR. MAUDSLEY.

I

A psychologia devia em rasão da sua complexidade, ser a ultima das sciencias a entrar na phase positiva, por isso que a producção d'um phenomeno psychico está dependente da concorrência de muitos agentes cuja energia varia segundo o desenvolvimento e disposições do cerebro sobre que actuam. Para attingir esse estado, isto é, para que esta sciencia deixasse de ser um tratado da alma e estudasse os phenomenos cerebraes, era de facto necessario que a physiologia explicasse e formulasse as leis do exercicio organico, e se chegasse á comprehensão de que o pensamento é do mesmo modo que o calor, a luz, a electricidade, a contractibilidade muscular, etc., uma propriedade da materia. O que se não comprehenderia seria que determinadas estas leis e conhecidas as propriedades da materia, que segundo o seu variadissimo arranjo molecular pôde produzir phenomenos diferentes, o cerebro fizesse uma excepção entre todos os órgãos e se julgasse isempto da influencia do meio cosmico ou das affecções morbidas, para se admittir uma entidade superior á substancia material dotada de todas as faculdades intellectuaes—a alma.

Conhecidos que foram estes factos por intervenção da chimica e da physiologia, facil foi aos mais distinctos clinicos e alienistas d'este seculo, avaliar o valor das impressões cerebraes e precisar leis geraes que determinam o individuo na pratica dos seus actos em sociedade.

Como diz Littré, «em lugar d'um principio superior que governa o organismo, temos um organismo que produz o que ha de superior no homem; em lugar d'uma intelligencia servida por órgãos temos órgãos servidos pela intelligencia¹.» O principio do livre arbitrio dos metaphysicos, como a responsabilidade moral, são hypotheses incapazes de resistirem á analyse scientifica, desde que se demonstrou até á evidencia que o cerebro obedece nas suas funcções á mesma lei que se verifica em todos os corpos quando solicitados por forças de differente sentido e intensidade, seguindo portanto a direcção da mais energica. Quando o cerebro está sob a influencia de impressões differentes o individuo é necessariamente determinado pelo poder da mais energica, de que segundo o seu maior ou menor desenvolvimento e aptidão cerebral avalia o grau de conveniencia ou inconveniencia resultante.

É a esta faculdade do individuo se poder decidir pelo motivo mais forte que Littré, Gall, Cotta e outros psychologistas chamam livre arbitrio, significação que de modo algum se pôde confundir com a que lhe ligam os metaphysicos quando suppõem o homem inteiramente livre e plenamente responsavel pelos seus actos. O facto da melhor avaliação das impressões sentidas implica uma constituição cerebral mais perfeita, mas nem por isso o individuo é mais livre, nem por isso deixa de estar sujeito á acção do meio cosmico e das affecções morbidas produzidas pela alteração d'uma funcção organica. Determinado que seja a proceder d'um certo modo, sente-se a necessidade imperiosa de praticar uma acção que se julga boa independentemente da apreciação que a sociedade pôde fazer, a não ser que impressões posteriores mais fortes mudem ou modifiquem o desejo de obrar.

D'aqui se deduz logicamente a irresponsabilidade moral dos criminosos, que em consequencia da sua organização cerebral ser defeituosa não podem fazer uma apreciação justa das acções, a que estão submettidos, e praticam actos prejudiciaes para a sociedade, mas que elles julgam bons e necessarios.

Não ignoramos que esta asserção aterrorisa muitos espiritos que julgam ser o principio da irresponsabilidade o germen da anarchia social, em que os grandes criminosos seriam impunes e portanto cada individuo sempre em perigo de ser lesado nos seus direitos. Este facto porém significa apenas o estado de anarchia intellectual dos espiritos que não tendo disciplina scientifica e descrentes do passado continuam no erro; é o symptoma caracteristico do estado de transição para um periodo em que a sciencia será

¹ *La philosophie positive*. Revue, t. xx, p. 222.

melhor compreendida e uma grande parte dos indifferentes como a geração actual se expurgará dos preconceitos de que está eivada.

A irresponsabilidade não implica impunidade, isto é, scientificamente o pensamento de Forster que dizia ser melhor não julgar nem condemnar ninguém, tem a sua razão de ser, pois que sendo o criminoso um doente ou um homem cujo cerebro não tem o desenvolvimento necessario para apreciar o que o rodeia, parece mais curial cuidar antes de o curar da doença, ou de lhe desenvolver o cerebro do que decapital-o ou mesmo isolal-o.

Ninguém por certo tomando a historia condemna os antigos Romanos porque nos seus codigos legalisavam o aborto, considerando o foetus como uma dependencia da mãe e do qual portanto podia livremente dispôr, porque se julgava que só recebia a alma com a respiração extra-uterina.

Ninguém condemna os Lacedemoneos porque consideravam um roubo engenhoso como uma grande honraria. O que todos reconhecem é a differença existente entre essa época relativamente obscura, e o seculo xix em que a aquisição de novas ideias produziu uma ideia mais elevada da moralidade, e fizeram considerar como um crime, o que n'outros periodos era, em consequencia do pequeno desenvolvimento intellectual, considerado como um direito ou uma virtude.

Nas sociedades modernas em que a educação é considerada como uma coisa secundaria pelas classes dirigentes, existem muitos individuos que sem receio de nos enganarmos podemos considerar a par dos antigos Romanos, ou dos Lacedemoneos para os não collocarmos ao lado dos Fidschis. Ora se perante a historia aquelles são irresponsaveis porque representam um degrau indispensavel da civilização, claro é que os individuos dotados de incapacidade cerebral não o são menos. A differença consiste em que uma organização outr'ora geral constitue hoje um defeito perante a sociedade desenvolvida, civilisada, que sendo fundada sobre os principios da necessidade e da reciprocidade precisa de garantir a tranquillidade individual que a permanencia dos criminosos comprometteria.

Para este fim a sociedade conscia das suas necessidades deve procurar desenvolver a ideia do bem e evitar o mal isolando os criminosos do seu contacto, não tanto para os punir, como para empregar os meios suaves da correcção quando fôr possivel.

O homem é um ser perfectivel e portanto cumpre que a sociedade em lugar de procurar os meios degradantes para annullar os criminosos, aperfeiçoe por uma educação bem dirigida desde a infancia a organização cerebral do individuo; em lugar de se fazerem monstros preparem-se cidadãos.

Mas como diziamos, o homem não é livre; muitos factos de

monstram o valor das influencias mesologicas e da alteração das funcções organicas.

O arya por exemplo que vive n'um meio fertil, cheio d'uma vegetação exuberante, tem uma imaginação poderosa, necessita de viver, tem o cerebro bem organizado. Ao contrario o semita que habita um meio arido, monotono e quasi esteril, despido de attractivos, vive bem no isolamento, na contemplação, no extasis religioso; o seu cerebro é menos desenvolvido, o seu concurso na lucta da civilisação é insignificante.

A mudança de um meio relativamente bom para outro corrompido exerce uma não menor influencia no individuo que se a maior parte das vezes se não chega a adaptar completamente a esse meio, se inclina e segue arrastado pela mesma corrente. A historia fornece-nos numerosos exemplos d'este facto. Os proprios Romanos que na época da Republica mostraram tantas e tão sublimes virtudes, apenas chegados ao Imperio tomaram por uma grande honra offerecerem as suas mulheres e filhas aos seus senhores.

A acção do meio em que se é educado exerce uma influencia tal sobre o individuo que, á parte os defeitos hereditarios, se pôde dizer que o individuo educado no meio bom hade ter por norma o bem, como aquelle que é educado no meio mau hade necessariamente participar dos vicios e podridões que o cercam.

Quanto á influencia morbida produzida pela alteração d'uma funcção organica, a psychologia demonstra-nos o seu valor e considera-a como a causa principal do crime. Pelas observações directamente feitas sobre o cerebro, Saure, distincto alienista, verificou que existe uma grande analogia entre os alienados e uma classe de presos composta de individuos dotados de uma organização viciosa. O mesmo auctor julga que seria melhor collocar uma parte dos presos nos hospitaes de loucos e affirma que um numero consideravel de alienados tem sido condemnados no seculo xix¹.

Benedict, professor de Vienna, considera a disposição para o crime e a loucura como irmãos gêmeos². O estado pathologico de criminoso e de louco deve effectivamente approximar-se; segundo Letourneau o crime precede mesmo muitas vezes a loucura; o criminoso e o louco praticam actos prejudiciaes para a sociedade em virtude d'um desarranjo mental que os impelle irresistivelmente para o crime, com quanto algumas vezes o criminoso tenha previsto as consequencias do acto que pratica. É um phenomeno identico ao que cita Letourneau³ de monomaniacos suicidas que luctam

¹ Buchner, *Force et matière*, p. 209.

² *Rapport des naturalistes à Gratz*, 1875.

³ *Physiologie des passions*, p. 290.

com uma ideia fixa, chegando alguns a pedir para serem presos ou collocados nas casas de alienados.

Uma forte paixão affectiva dominando todas as faculdades, produzindo um estado de erethismo que não permite a apreciação placida das condições determinativas pôde tambem muitas vezes produzir uma disposição para o crime.

A depravação dos ovarios produz a satyriaris e a nymphomania; as doenças dos orgãos genitales impellem algumas vezes ao assassinato e a outros crimes¹.

Quasi sempre as affecções hepaticas são acompanhadas de tristeza e melancholia.

Muitos crimes são ás vezes o prodromo d'uma mania aguda que leva numerosos doentes aos hospitaes de loucos.

Em geral a alteração d'uma funcção organica exerce uma poderosa influencia sobre o cerebro que frequentemente produz disposições criminosas.

Existe uma tão intima ligação entre as funcções dos orgãos que formam os aparelhos de digestão, respiração e circulação, etc., e o cerebro, que a alteração ou o excesso de trabalho de qualquer d'elles se traduz por um estado cerebral correspondente. O excesso de trabalho physico chamando o sangue aos orgãos em exercicio produz a anemia de todos os outros e portanto a inaptidão temporaria para se fazer qualquer operação intellectual. Pela mesma razão o excesso de trabalho intellectual a que corresponde um estado de eperemia do cerebro produz a inaptidão para qualquer outro trabalho material. Este facto explica-nos ainda a incapacidade relativa d'uma classe social, a dos operarios, para pesarem bem os motivos da sua determinação psychica, porque um excesso de trabalho material obsta ao seu desenvolvimento intellectual.

O enfraquecimento do sangue ou a mais leve alteração na circulação devem ainda pela mesma razão exercer grande influencia, pois que como vemos o sangue é segundo a expressão de Cl. Bernard um verdadeiro meio indispensavel a todos os elementos anatomicos. Conforme o seu movimento é mais ou menos accelerado varia o grau de excitação e as disposições para um trabalho determinado.

Perante estes factos que a observação e a experiencia demonstram cremos serem de nenhum valor as hypotheses metaphysicas ácerca da liberdade individual e da responsabilidade absoluta, hypotheses por meio de que é creado um mundo espirital superior

¹ Buchner, *Force et matière*, p. 209.

à materia e como tal inadmissivel n'este periodo de positividade scientifica. Isto é, acha-se definitivamente constituida a physiopsychologia que estuda os phenomenos intellectuaes e precisa as leis da sua producção, com quanto ainda não tenha especificado as funcções das differentes partes do cerebro. Não carecemos portanto do *sobrenatural* para explicar os phenomenos do pensamento que tão orgulhosamente se julgava constituir um privilegio exclusivo do homem.

Não ha responsabilidade moral, mas assiste á sociedade o direito de isolar os elementos anarchicos que compromettem a segurança publica; ha pois responsabilidade social.

II

Reconhecida a causa do crime, achada a intima correlação que existe entre o estado pathologico do criminoso e os seus actos, resta-nos ainda apreciar o valor do principal factor da criminalidade, qual é a acquisição d'essas predisposições morbidas em virtude da hereditariedade.

Da comprehensão d'este phenomeno physiologico da parte dos legisladores depende a profunda transformação a operar nas leis penaes, que em boa logica, perante os principios scientificos comprovados pela observação de todos os dias, e em face da ideia de moralidade das sociedades modernas, são uma excrescencia, um resto da legislação theologica de que a legislação civil ainda não conseguiu emancipar-se.

A acção da hereditariedade manifesta-se em todos os seres vivos com uma energia fatal a que nenhum pôde subtrair-se, embora ás vezes em consequencia do atavismo ou de influencias extraordinarias, taes como o estado mental dos progenitores durante o periodo da concepção e gestação, existam consideraveis disseme-lhanças entre o individuo e os seus primeiros ascendentes.

Na organização physica a influencia da hereditariedade é geralmente reconhecida e sabe-se pelas investigações dos Drs. Liébault, Liébrecht e Doreste que as grandes monstruosidades são uma grande parte das vezes devidas a uma forte impressão materna durante o periodo gestativo.

Como a hereditariedade physica a da constituição mental é de facil verificação e tão facil que parece ter sido intuitivamente comprehendida nas leis de Manú na seguinte passagem :

«Um homem de nascimento abjecto toma os maus costumes de seu pae ou sua mãe, ou de ambos ao mesmo tempo. Nunca pôde occultar a sua origem.»

Se o reconhecimento antiquissimo da influencia da hereditariedade não produziu mais salutaes effeitos na sociedade que não fossem a punição do delicto nos descendentes do delinquente, é que existia um insuperavel obstaculo, a barreira dos prejuizos theologicos e metaphysicos, que só a integração positiva das sociedades modernas hade conseguir vencer.

Actualmente a sciencia demonstra que, como diz Esquirol, «em metade dos casos a mania tem uma origem hereditaria. Lucas cita o facto de uma nobre familia de Hamburgo conhecida pelo nome de Michaëlis, e, desde o segundo avô, notavel pelos seus grandes talentos militares, de que todos os varões eram atacados de alienação mental na idade de 40 annos, e a cujo ultimo membro, tambem official como seu pae, a municipalidade d'aquelle estado prohibiu o casamento.» Em muitas familias a mania do suicidio transmittte-se de geração em geração, fornecendo muitos exemplos da accção hereditaria dos caracteres moraes. «Maudsley, diz Gustave Le Bon ¹, a quem especialmente nos soccorremos, refere-se a um intelligente e feliz negociante, descendente de uma familia onde o habito do suicidio era geral, que só á força tomava o caminho de ferro e que por nada do mundo subiria para um trem expresso com receio de ceder a um irresistivel desejo de se lançar pela portinhola.»

A transmissão directa ou indirecta do talento ou da vocação para um determinado ramo de sciencia, arte ou litteratura, é tambem um facto comprovado pela observação de todos os dias, quando a transmissão se opera de paes para filhos, e procurando a genealogia dos homens illustres pela sua aptidão para um determinado ramo de sciencia, politica, litteratura ou arte encontra-se a maior parte das vezes a origem d'esses talentos. Assim: o pae de Raphael foi pintor, a familia de Eschylo contava oito poetas tragicos, na familia Jussieu houve cinco botanicos, a familia Lemoignon era notavel pelas suas aptidões juridicas, etc., etc.

Do mesmo modo que as aptidões intellectuaes os caracteres moraes são egualmente transmittidos. Não é raro, indagando-se a arvore genealogica de algumas familias de criminosos, encontrar uma grande parte dos seus membros manchados de crimes e tendo terminado, em virtude da selvageria da lei, no cadafalso ou nas prisões. Galton cita o caso da familia Jecker, na America, cuja genealogia até á setima geração comprehende 540 membros, dos quaes um numero consideravel terminou por este modo. O Dr. Despine refere o da familia Chrétien, essencialmente typico.

¹ *L'homme et les sociétés*, t. II.

João Chrétien teve tres filhos: Pedro, Thomaz e João Baptista. I. Pedro teve um filho, João Francisco, que foi condemnado a trabalhos forçados perpetuamente pelo crime de roubo e assassinato; II. Thomaz teve: 1.º Francisco, condemnado a trabalhos forçados por assassinato; 2.º Martim, condemnado á morte pelo mesmo crime. O filho d'este foi morto em Cayenne por crime de roubo. III. João Baptista teve João Francisco, esposo de Maria Tanré (de uma familia de incendiarios). João Francisco teve sete filhos: 1.º João Francisco, condemnado por muitos roubos, fallecido na prisão; 2.º Benoit, que morreu em consequencia de uma quêda do telhado que escalava; 3.º X., diz Clain, condemnado por diversos roubos, fallecido aos vinte e cinco annos; 4.º Maria Rainha, condemnada por crime de roubo e fallecida na prisão; 5.º Maria Rosa, com os mesmos actos e a mesma sorte; 6.º Victor, actualmente detido por causa de roubo; 7.º Victorino, casado com Lemaire, cujo filho é condemnado á morte por assassinato e roubo.

Evidentemente n'este caso havia uma predisposição hereditariamente adquirida para o crime; qualquer dos membros d'esta familia condemnados ao cadafalso, ao desterro ou á prisão, eram impellidos a praticar actos nocivos á sociedade, não por prazer, mas por uma inversão do modo de apreciar que os levou a praticarem o mal. A sua organização cerebral não lhes permittia, em consequencia de um defeito de cuja analyse não tratamos, a pratica do bem, e a não ser que por um tratamento sabiamente dirigido se conseguisse fazer desaparecer essa predisposição morbida, as gerações que se succedessem da mesma familia continuariam herdando directa ou indirectamente os caracteres moraes e intellectuaes dos seus ascendentes.

A hereditariedade, diz o Dr. Prosper Lucas, rege na humanidade a disposição para todas as paixões ¹.

A antiga crença de que a creança quando nasce não traz consigo a inclinação para o bem ou para o mal, crença que ainda existe nos codigos penaes, está hoje completamente refutada pelas leis da hereditariedade. No cerebro do recém-nascido existe o germen de todo o seu desenvolvimento futuro, que uma educação bem dirigida pôde favorecer do mesmo modo que a influencia de um meio favoravel ás tendencias criminosas pôde fazer apparecer prematuramente a doença que só deveria manifestar-se em um dado periodo.

Conforme o estado mental dos progenitores no periodo da concepção, assim tambem o individuo pôde ter uma ou outra aptidão.

¹ *Traité de l'héredité naturelle* t. 1, p. 475.

Lancereau e Quatrefages citam muitos factos de filhos concebidos durante a embriaguez, que arrastam uma vida miseravel e que chegados a um certo periodo serão victimas de differentes affecções nervosas e especialmente de idiotia, comprovando por este modo até certo ponto a lei da antiga Carthago que prohibia o uso de vinho no dia do casamento.

Os crusamentos consanguineos são tambem uma das causas de imbecilidade, idiotia e preversidade moral, isto é, são a origem de muitas e muitas affecções nevroticas, de que a mais geral é a idiotia, como se vê pela seguinte affirmação de Lucas:

«As aristocracias obrigadas a recrutar-se no proprio seio extinguem-se, segundo Niebuks, formando muitas vezes pela degradação, a loucura e imbecilidade. Esquirol e Spurzhenir dão pelo menos esta razão da alienação mental e da sua hereditariedade nas grandes familias de França e Inglaterra....»

De facto essa aristocracia forte e poderosa, que na Edade Media constituiu o mais importante elemento politico, deixou de existir especialmente em virtude da sua decadencia moral e intellectual physiologicamente determinada pela consanguineidade. Os restos que hoje existem patenteiam na sua minoria uma inferioridade mental indiscutivel por evidente. Uma outra prova dos deploraveis resultados dos crusamentos consanguineos, sobre que importa insistir como um elemento de decadencia moral, existe bem patente nas casas reinantes, cujos membros attestam a sua deficiencia moral e intellectual, que antes de ter por causa uma vida sedentaria e o isolamento da sociedade, dizem os physiologistas é devida á *acumulação das qualidades e defeitos communs aos diversos membros da familia.*

Provada, portanto, a influencia da hereditariedade e implicitamente demonstrada a irresponsabilidade moral dos criminosos, que herdaram dos seus ascendentes uma disposição mental de tal fórma organizada que os obriga a praticarem actos determinados, de que não podem comprehender as relações de conveniencia ou inconveniencia social; estabelecidos os principios physiopsychologicos que reconhecem no criminoso como no louco um doente, pois que o crime é muitas vezes o prodromo da loucura, vejamos quaes os meios que a sociedade deve e tem obrigação de empregar para diminuir as estatisticas criminaes, corrigir os corrigiveis e livrar-se do contacto d'aquelles que o não são.

Coruche, 11—80.

(Continúa).

N. ALVES CORRÊA.

JÁ É TARDE

(CONTO)

A machina despedira um silvo prolongado, vibrante, como o gemido de uma fêra moribunda; e logo o vapor se precipitou na atmosphaera irrequieto, voluptuoso, dando ao diabo a lei da gravidade que o chamava para a terra, com uma força tenaz de velha tutora, enquanto elle, o estroina, experimentava os prazeres dos aeronautas e sonhava humedecer com beijos, n'um idyllio casto, aquella face do azul, tão limpida, tão fresca, que o attrahia lá de cima com a sua serenidade doce e tranquilamente silenciosa de uma virgem escoceza.

As *correias sem fim*, os braços das alavancas, os teares mechanicos tinham os movimentos vagarosos, semi-extinctos, de titans cançados, que adoecem. As engrenagens, como dentes de monstros, na fadiga da mastigação, paravam, ruminando. Uns sons lentos caíam, monotonos, tristes, como uma resa de monges na penumbra opalina das egrejas gothicas, ás Ave-Marias.

A fabrica ia fechar-se.

Os operarios saíam aos grupos, cabisbaixos, olhando aquelles farrapos de vapor, que subiam no espaço como se os vissem pela ultima vez. E a grande chaminé, elevada, de tijolos vermelhos, erguendo-se para o céu como a columna de um templo estranho, causava-lhes saudades, um enternecimento vago, que os fazia pensar nas corujas que viriam habital-a, impunes, confiadas na sua inactividade.

Nenhum tinha pressa de recolher a casa; paravam, discutiam, formavam grupos n'uma attitude concentrada, como as aves aquaticas que esperam ser batidas por uma tempestade, e que se unem para resistir-lhe.

O contra-mestre ficára mais atraz com o patrão e alguns operarios antigos, bem conceituados.

—É inevitavel, inevitavel,—dizia este— as encommendas faltam, o mercado está cheio com o que vem do estrangeiro. Que hei de eu fazer? Não posso mais, era a minha ruina... Deus sabe o que me vae em casa... Estes governos são todos assim, uma corja! só pensam em impostos e não tratam de proteger a industria nacional! As pautas... uma calamidade...

—Afundados sejam elles todos,—rugiu um velho operario — e agora, que hemos nós de fazer? Para esta semana chega a fêria, mas... depois?

—Depois... Deus se lembrará de nós,—disse o contra-mestre, um providencialista.

—Deus! A boas horas, quando tivermos morrido de fome.

Mas a noite caía, os operarios iam saindo pouco a pouco, cortejando o patrão respeitosaente, como marinheiros que abandonam o navio, dizendo o ultimo adeus ao capitão. Alguns, mais sensiveis, ao tirar o chapéo, sentiam humedecer-se os olhos de lagrimas e ao contemplar ainda uma vez o edificio da fabrica, com as suas numerosas janellas cerradas, a chaminé perdendo-se nas sombras, o largo portão de ferro oxydado, a sineta de bronze d'uma sonoridade monotonica, que tanta vez os chamára, paravam como atacados de uma paralyisia que os impedia de caminhar, sentindo a sua viril energia quebrada, o poder de uma força occulta que os retinha, uma saudade a duplicar-lhes a hesitação, como se diante de si vissem alguma cousa de pavoroso, de cruel, que lhes pairasse sobre o espirito, escurecendo-o como a aza negra d'um côrvo.

* * *

O Joaquim Lopes entrára em casa, deixára-se cair sobre uma cadeira de páo, o corpo recurvado para diante, dobrado, com a testa apoiada sobre ambas as mãos. Estava taciturno, sombrio, com os cabellos emmaranhados, o olhar vago, idiota, de quem não sabe resolver uma difficuldade. Uma ninhada de pequerruchos a um canto da sala, brincava, n'uma tendencia imitativa de grandes, fingindo-se cavalleiros intemeratos, no passivo dorso de um banco de pinho, negociantes que compravam, operarios que vinham do trabalho, e a Rosita, a irmã, esperava-os.

—Tinha já o jantarsinho prompto,—dizia, e apresentava uns cacos de louça, com migalhas de pão, que elles devoravam, na insciente avidéz da sua gulodice infantil.

Lá dentro, na cosinha, cujo lar estalava nas crepitações da lenha verde, a Carolina, curvando-se sobre a panella, destapava-a, recebendo os rolos de vapor que afastava com o sopro para examinar a cocção dos alimentos. Trouxe depois a ceia para a mesa,

umas sardinhas com batatas, fumegantes, exhalando vaporizações acres. Os pequenos largaram immediatamente os brinquedos, as suas grandiosas occupações de cavalleiros, de negociantes, de trabalhadores; tratava-se da viscera, e elles, como os grandes a quem imitavam, tinham tambem o egoismo do ventre.

A Carolina distribuiu-lhes os respectivos quinhões, e logo as boccas vermelhas, polyphagas, de appetites inexhaustos, se abriram n'uma ameaça intransigente contra as sardinhas azuladas, frescas, que lhes tinham caído em sorte; e os deditos, uns garfos á Diogenes, introduziam-se no prato com uma pressa ávida, besuntando-se de môlho. Ella sentou-se tambem a seu turno, chegando para si a larga travessa de barro, tirando a sua parte, comia com placidez, de vagar, aos bocadinhos saboreados.

Mas... extranhava o Joaquim.

Via-o comer, visivelmente contrariado, n'umas interrupções injustificaveis para o seu bello appetite, bebendo uns longos tragos de vinho, ávidamente, como se estivera entalado; e mansamente, curiosamente, feminilmente estudava-o, interrogando-lhe os movimentos, o gesto, a physionomia, o olhar. E comtudo não via motivo para aquelle desassocego,—pensava—e não se contendo mais tempo:

—Tu estás encommoado? perguntou.

O Joaquim enguliu o alimento que tinha na bocca.

Chegava a hora da revelação, da desgraça; até ali só elle havia recebido o golpe,urgia annuncial-o, e mysterioso...

—Antes estivera, respondeu.

—Mas então que foi? Ora não te afflijas!

—Que me não afflija! disse elle bruscamente n'uma explosão convulsa; vê lá se não tenho motivo!... A fabrica está fechada...

—Fechá...da! exclamou n'uma interjeição soluçante, que lhe paralysoo o movimento mandibular, pondo-lhe a tumefacção do alimento ao lado, na bochecha. E tinha assim um aspecto lorpa, idiota, da imbecilidade da desgraça que fere repentina; mas, breve, o seu animo de mulher, voluvel, cheio das varonis coragens instantaneas, de consolações promptas, ignorante das dolorosas realidades:

—Deixa lá Joaquim, não te ha-de faltar trabalho...

—Trabalho, sim!... Hoje foi a nossa que fechou, amanhã fecha a do Pimenta e mais... e todas...

—Que desgraça, meu Deus!

N'aquella noite nenhum dos dois pôde dormir; mil planos se formaram, rejeitando-se logo, alternando o bom senso com a phantasia. De manhã o Joaquim levantou-se; tinha o habito, ia para a fabrica.

Mas... lembrou-se a tempo, que loucura... estava fechada. E vagueou pela cidade, sem saber que fazer, desconhecendo lugares, por onde não passára desde muito. Procurou trabalho, pediu; mas...

Havia muitos braços, grande concorrência, um desequilíbrio forte.

E assim um dia, dois e muitos. Os moveis, os vestidos, as roupas brancas principiaram a buscar o credito, o *prégo*; era uma tristeza em casa; comia-se pouco, um pequenito adoecera. O medico do partido veio.

—Que era o *croup*... fatal; que morria; que tratasse de retirar as outras crianças.

—Mas para onde?

—Retire-as, é o que eu lhe digo; a doença é contagiosa, está provado isso.

Não havia dinheiro, nem que levar ao *prégo*; o credito abalara-se; nem o padeiro, nem o mercieiro, nem o carvoeiro já fiavam.

—De mim! um operario honrado! dizia, e mais se melindrava por ter sido honesto.

Lembrou-se de... roubar, de... pedir.

—Antes pedir, concluiu surdamente, n'uma convulsão de alma revolucionaria, humilhante.

E á noite, resolvido a tudo, como os animaes ferozes esfomeados, postou-se a uma esquina, estendeu o braço.

—Uma esmola, senhor, a um operario sem trabalho.

O sujeito embuçou-se no capote, como n'um baluarte de defesa. Uma chuva nostalgica, miudinha, principiava a cair.

—Vá trabalhar, tem corpo para isso; bem me fio eu em lérias, *seu* malandro! mas, ouviu um grito surdo como um rugido.

—Miseravel! e elle, cheio de medo, apressou o passo.

Entrou no club, pallido, enfiado; a sua calva burguesa, de pelos raros, ia crispada, na *chair de poule* do susto. O administrador jogava o bilhar, firmando o taco n'uma posição academica, recordação de Coimbra.

—Pouca vergonha!... um cidadão honrado, camarista, ser assim insultado por um canalha, um malandro!...

—Que é, que foi? vens pallido! rodearam-o.

—Se te parece! Um patife que me espera ali á esquina, pede uma esmola, dou-lh'a, acha pouco, digo-lhe que vá trabalhar e ainda por cima avança para mim: Miseravel!—Isto só p'rá costa d'África!

E o honesto camarista, para se dar uns ares de victima generosa, dizia que lhe tinha dado alguma cousa... um tostão.

—Quatro á branca, disse o administrador, e voltando-se para o recém-chegado: tu conheceste-o, menino?

—Creio que sim; escapar não me escapa elle! Era o Joaquim Lopes.

—Eu o arranjarei, não te afflijas, disse, dando lentamente giz no tacho; anda-me aquelle malandro a vadiar por ahi. . . E—mysteriosamente—agora se me confirma a suspeita de que foi elle talvez o auctor do roubo ás Cónegas. . .

—Nem podia ser outro! Cesteiro que faz um cesto, faz um cento.

—Eu o arranjarei, deixa estar. . . e estendendo se sobre o bilhar, atacava a bola preta com denodo.

No dia immediato o Lopes era preso por vadio, por assaltos nocturnos, por ladrão. Dois pequenitos morriam do *croup*.

E quando os seus cadaveres, unidinhos, enteiriçados, sobre uma enxerga miseravel, de palha humida, esperavam a tumba da misericordia, que viria buscal-os, a *Commissão da Caridade* entrou, de senhores enluvados, o administrador, o parochio, o camarista Araujo, uns grandes, uns philantropos, que traziam tres mil réis e um discurso apropriado, de um religiosismo banal. Mas a mãe, com loucas scintillações no olhar, abraçando os filhinhos, embalando-os no somno de que se não acorda, ao ver aquelles figurões, que lhe encheram o arruinado casebre, teve um momento lucido, abriu os vagos olhos espantados, e disse, n'um tremor convulso, após o qual os olhos recaíram n'essa baça fixidez dos idiotas:

—Já é tarde!

Porto—Julho—1880.

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA.

MONUMENTOS MEGALITHICOS EM PORTUGAL

III

REDUCTOS DEFENSIVOS DOS POVOS PRE-HISTORICOS

As penhas eram os ultimos reductos a que os povos se recolhiam em casos extremos, aggedidos por seus inimigos, ou por animaes ferozes.

A defesa dos povos prehistoricos antes da descoberta dos metaes, que os fizeram entrar na vida historica, foi bem descripta por Lucrecio, ha quasi dois mil annos, nos elegantissimos versos :

«Arma antiqua manus, ungues, dentesque fecere
«et lapides, et item silvarum fragmina rami,
«et flammae, atque ignes, postquam sunt cognita primum,
«posterius ferri vis, aerisque reperta;
«et prior aeris erat, quam ferri cognitus usus.»

Assim como do tempo da dominação romana ficaram espalhados pelos altos montes d'esta provincia, onde chegava o governo do Conventus juridico bracarense, os nomes dos castros romanos, que eram os quartéis e ao mesmo tempo as fortalezas onde se recolhiam os legionarios romanos, e defendiam de uma aggressão repentina, quer de animaes ferozes, quer de inimigos; assim dos tempos prehistoricos nos ficaram pelos montes e freguezias ruraes os nomes antiquissimos de *penha*; nome radical na formação de muitas terras ao norte do Douro. Temos n'esta estação pre-historica de Pedrantil, a *Penha do Covo*, estampa n.º , na segunda de Penafiel de Canas na freguezia de Santo Estevão de Uldrões d'este concelho o *Monte do Castello* de Penafiel, e mais adiante nos montes de Perozelo o *penedo da Penha* n.º . Abaixo d'Entre os-Rios, na freguezia de Sebolido, ha as penhas inacessiveis de Sebolido,

onde apenas ainda hoje sobem algumas cabras montanhesas, e vistas do rio são de um bello horrivel, talvez de mais de 60 a 80 metros de altura!

Em baixo, no Sousa, onde o rio Sousa se junta com o Douro, estão as ruinas do castello d'Aguiar de Sousa sobre uma penha prehistorica, e outro egual em Arnoia de Basto. Embaixo no Porto havia a *Penha Ventosa*, onde hoje está a Sé; para o interior do districto muitos outros nomes ficaram pelas differentes aldeias, como *Penas Altas*, *Pena-Cova*, *Pena-Garcia*, *Penalva*, e é muito vulgar em algumas freguezias o nome de *Pena*, d'essa época; e o diminutivo as *penelas*; assim como da época romana o diminutivo de castros eram os *christelos*.

A *Penha do Corvo*, estampa n.º , é dos grupos de penedos mais altos e maiores d'esta montanha, e está no lugar mais elevado e inacessivel, pelo poente terá 40 metros de altura, e é naturalmente alinhado, e tem as juntas naturaes que apresenta o rochedo, e no meio, para o lado do sul, um signal muito caracteristico formado na crystalisação do granito; esta rocha, talvez mais alta que a rocha Tarpêa de Roma, pelo lado do nascente é acessivel por umas lages em declive da altura de 1 metro por 4 a 5 de largo e no comprimento de 20 a 30 metros; n'estas, e em cima podem caber mais de duzentas pessoas; goza-se uma vista surprehendente, avista-se o Oceano das costas de Ovar até á Povoia de Varzim, na extensão de 40 a 50 kilometros, e mais ao norte os montes de Gerez. Ha n'estes montes outras rochãs mais elevadas, e em outras freguezias tambem, mas estes são rochedos mais elevados.

Mais para o sul começam os montes de Parafita, e ao nascente os de Villa-Cova e de Abragão, todos pedregosos e com memorias d'esta época. Seguindo estes montes o curso do rio Tamega até á sua junção com o Douro, como contraforte ao monte de Parafita está o monte do Castello de Penafiel de Canas, que dista da estação prehistorica de Forno de Mouros 5 a 6 kilometros.

A estampa n.º é o desenho do monte do Castello de Penafiel de Cannas, onde antes dos principios da monarchia estava o foral do concelho primitivo, que depois mudou de local para onde hoje é a cidade de Penafiel. O monte que vae terminar acima do lugar da calçada a ramificar com o monte do Mosinho, onde passa a estrada que vae de Entre-os-Rios para Guimares, n.º , foi cortado do norte e sul para formarem a penha em baixo, do poente apresenta ainda uma ou duas fiadas de pedras, e para o nascente é um despenhadeiro abrupto para onde tombaram muitas pedras, que arrancaram; a penha está toda cheia de pinheiros, como se vê da estampa. No alto do monte do Castello, em um grande pe-

nedo virado ao sul, estampa n.º , está gravada n'uma pedra, quasi coberta de musgo, esta figura, e chamam-lhe o *penedo do gato*; em outros penedos apparece gravada a figura de um homem, n'outro a de uma ovelha ou raposa; ignoro se serão de época posterior ou feitos por algum pedreiro dos que frequentemente ali vão quebrar pedra; já no espaço de doze annos tem desapparecido algumas pedras notaveis, que quebraram para obras visinhas; as pedras que apresentam alguns signaes, aquelles que acreditam em thezouros encantados ou enterrados, vão ali fazer excavações, e revolver as pedras e os terrenos.

O que é mais notavel n'esta estação é o penedo do equilibrio, estampa n.º ; este penedo está em cima de uma lage, e tem a 40 cent. um ponto de apoio n'uma pedra, onde collocando-se uma alavanca de força põe esta enorme massa em movimento como a concha de uma balança; tem medido pelo meio 9^m,60 de circumferencia, e visto de frente parece uma caveira oblonga; este penedo apresenta alguns traços rudimentares de esculptura.— Que significação symbolica tinham estas pedras? Alfredo Duménil, no seu livro *Immortalité*, edição de 1851, citando as triadas dos bardos da ilha da Bretanha, segundo Henri Martin, assim diz na primeira: tres unidades positivas formam uma só, um Deus, uma verdade e um ponto de liberdade. Eis a trindade druidica. É pois o deus dos druidas a antithese absoluta do deus Destino ou fatalidade dos arabes. Deus é um ente que não se inclina para uma ou outra parte, as pedras de equilibrio e balouço, tão frequentes nas memorias druidicas, são o symbolo do deus Liberdade, e de *libra*, a balança, é que veio a palavra liberdade; debaixo d'estas bases a liberdade gaulesa era indomavel.

Esta estação é posterior á de *Fornos de Mouros*. A 600 metros de distancia, entre sul e poente, o onomastico nos conserva n'esta freguezia o nome de um lugar que indicava a fórma de um monumento druidico, e a sua existencia n'esta freguezia é o *carvalho das sete pedras*, que era um templo druidico, cujas abobadas eram o céu, e no meio o carvalho symbolico, que era a escada mystica por onde os bem-aventurados subiam ao céu.

Os diferentes concilios do v e do vii seculos mandavam destruir e enterrar profundamente estas pedras e outras muitas, e destruidas foram, mas ficou no lugar o nome *O carvalho das sete pedras*.

A penha no monte do Castello de Penafiel, estampa n.º , e o penedo da *Penha de Perosinho*, estampa n.º , são pre-historicas; mas o penedo de equilibrio, n.º , e o carvalho das sete pedras, que destruíram, attinge as primeiras invasões áricas dos celtas, que chegaram a estas terras 12 a 14 seculos antes de C.

Pouco depois d'esta época a península iberica estava no uso do cobre; doze a treze seculos chegaram tambem os primeiros navios phenicios, e quasi ao mesmo tempo vem chegando ao Mediterraneo as colonias gregas. Pouco depois da chegada dos phenicios a Cadiz é que começou a fundir-se o bronze por addição do estanho, que os phenicios traziam das costas de Gallisa e da Bretanha. A introducção do ferro data annos depois, quando chegam os carthaginezes.

De tudo o que escrevemos pôde tirar-se esta conclusão: Dois mil annos antes de C., as margens do Tamega, ao poente d'este rio e ao norte do Douro, eram habitadas por povos nomadas, vindos da Africa, os constructores dos dolmens e mais munumentos megalithicos das estampas, e viviam como troglodytias debaixo de grandes penedos por estes sitios. A fertilidade d'estas terras induz a crêr que viviam dos seus numerosos rebanhos, da caça e da lande, que havia abundante por estes sitios. Os monumentos megalithicos nos indicam um culto fetichista, e que viviam na idade de pedra, e tinham para sua defesa as penhas prehistoricas que ficam descriptas.

SIMÃO RODRIGUES FERREIRA.

MONUMENTOS DA LITTERATURA PORTUGUEZA

I

Fragmentos de uma traducção portugueza das Poesias de Arcipreste de Hita

Na opulentissima bibliotheca de el-rei D. Duarte, cujo catalogo appareceu pela primeira vez nas *Provas da Historia genealogica* (t. 1 p 54) com o titulo: *Memoria dos Livros de uso de El-rei D. Duarte, a qual está no livro antigo da livraria da Cartuxa de Evora, d'onde o fez copiar o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes*, e reproduzido depois na edição do *Leal Conselheiro*, existia a collecção das poesias do celebre Juan Roiz mais conhecido pelo nome de Arcipreste de Hita. No Catalogo mencionado apenas vem a indicação succinta: *O Acypreste de Fysa*. Pode considerar-se que a obra se perdeu; na Bibliotheca publica do Porto existem uma folha em quarto de pergaminho com dezoito coplas escriptas a duas columnas, e mais uma tira de pergaminho cortada de uma folha com quatro strophes incompletas no fim dos versos em consequencia do córte; estes fragmentos andam juntos ao manuscripto do *Liber gestorum Barlaam et Josaphat*, sob o n.º 785. Viemos a descobrir que esses fragmentos eram restos de uma traducção portugueza das poesias do Arcipreste de Hita, e pelo confronto conseguimos restituir as estrophes amputadas. Publicando essas preciosas reliquias poeticas do seculo XV, authenticamos assim a origem da *Eschola hespanhola* na litteratura portugueza. Eis o primeiro fragmento, em que a parte grifada é restituída pelo confronto do texto original do Arcipreste de Hita:

Onde tu cuidares *que mente*
ali diz mayor *verdade*,
e en as cobras *pintadas*
jaz muy grande *falsidade*;
ora outra bona *dixa*
vós per ponto *a julgade*
e as cobras en *um ponto*
louvade e *demostrate*.

De todolos *estrumentos*
em livro som *patente*
bem ou mal *qual pontares*
assi dirá *certamente*;

e qual dizer tu *quizeres*
tu faze ponto e *tem-te*,
se perguntares *souberes*
sempre me as *em mente*.

Como disse *Aristoteles*
cousa he muy *verdadeira*,
o mundo per *duas cousas*
trabalha: é a *primeira*
por aver seu *mantimento*,
e a outra *cousa era*
por aver *juntamento*
com mulher *prazenteira*.

Se o eu *dissesse por mim*
muyto seria *de culpar*,
mas disse-o o *grande philosopho*
eu non no posso *negar*,
do que disse o *ssabio*
nom devemos *duvidar*
que por *autos se prova*
o *sabio em seu falar*.

Estas estrophes pertencem ao principio das obras do Arcipreste de Hita, como se vê pelo numero de ordem de 59 a 62; transcrevemos em seguida o original, para que se avalie o processo litterario das traducções do seculo XV:

- St. 59. Do coidares que miente, dise mayor verdat,
En las copias pintadas yase la falsedat,
Dicha buena ó mala por puntos la jusgat,
Las coplas con los puntos load, ó denostat,
60. De todos instrumentos yo libro so pariente,
Bien ó mal qual puntares, tal te dirá ciertamente,
Qual tu desir quizieres, y fas punto y tente,
Si me puntar sopieres, siempre me avrás en miente.
61. Como dise Aristoteles, cosa es verdadera,
El mundo por dos cosas trabaja: la primera
Por aver mantenencia; da otra cosa era
Por aver juntamento con fembra plasentera.
62. Si lo dixiese de mio, seria de culpar;
Diselo grand filosofo, non so yo de reptar;
De lo que dise el sabio non debemos dubdar,
Que por obra se prueba el sabio é su fablar.

A folha de pergaminho que tem as dezoito coplas portuguezas a duas columnas, não corresponde ao texto castelhano, o que é um facto importante para a historia da compilação das obras do Arcipreste de Hita; por isso copiaremos a versão portugueza subordinada ás interrupções do original:

Col. 1.ª Quando ella assy bremava
 todos comecam de fogir,
 e quando chegou o dia
 que ella houve de parir,
 pariu um rato pequeno,
 bem foy escarnho de ryr;
 suas vozes e espanto
 em jogo foram sayr.

Bem outrosy acontece
 a muytos e a teu amo,
 se vêe dar muito estrago
 fugindo com falso engano;
 cegam muytos com o vento,
 vam-se a perder com mal ramo,
 vay dis-lhe que me non queyra
 cá nem no quero nem amo.

O home que muyto fala
 faz muyto menos ás vezes,
 e põe em muyto espanto
 o pouco stulto de mezes;
 e as cousas muyto caras
 outra ora sam rrefeces,
 e as astrosas de vil preço
 som para avel-as revezes.

Como por pequena cousa
 avorrecimento e sanha,
 arredousse logo de my,
 e fez-me de jogo manha;
 assy o diz enganado,
 o que cuyda que me engana,
 d'esto eu fiz uma trova:
 Ay que tristeza tamanha.

- St. 90. Quando ella bramaba, pensava de foir,
 Et desque vino el dia que ovo de parir,
 Parió un mus topo, escarnio fue de reir,
 Sus bramuras é espantos en burla fueran salir.
91. Et bien ansi acaesció á muchas e á tu amo,
 Primeramente mucho trigo dan, poca paja, tamo.
 Ciegan muchos con el viento, vanse perder com mal ramo:
 Vete, dil'que me non quiera, que nol'quero nil'amo.
92. Ome que mucho fabla, fase menos á veses,
 Pune muy grant espanto, chica cosa es dos nuses;
 Las cosas mucho caras alguna hora son rafeses,
 Las viles é las rafeses son caras á las veses.
93. Como por chica cosa aborrecia en grand saña,
 Arredróse de mi, fisome el juego maña,
 Aquel es engañado quien coita que engaña,
 Desto fiso trova de tristeza tan maña.

No texto portuguez falta a estrophe 94, começando logo na segunda columna pela estrophe 95 até 100, omissão que não pode ser attribuida senão ao estado em que então se achavam os manuscritos das Poesias do Arcipreste de Hita, como se observa pelos Manuscritos de Gayoso, da Salamanca e fragmento de Toledo:

Col. 2.^a Assi o diz salamon,
e diz grande verdade,
que as cousas d'este mundo
sem dulda som vaidade;
e som todas passadeiras,
fugem-se com a hydade,
salvante o amor de deos,
todo o al he neicedade.

Despoys que vy a dona
de mi partida e mudada,
dixe: querer d'u non me querem
fazia ponto ou nada;
responder d'u me no chamam,
he vaydade provada;
partiu me de seu preito
poys de mi he arredada.

Sabe deos que nem em esta
aa quantas donas nunca vy,
eu sempre quige mandal as,
outrosy sempre as servi;
e se servir non as pudi
certo nunca as deservy,
de dona bem mesurada
sempre d'ela bem sérvy.

Muyto seria eu torpe
a malo villano pagés,
se eu de la molher nobre
razoasse cousa refez;
ou en a molher louçana
fremosa, nobre e cortez
todo bem d'aquesto mundo
todo prazer en ela és.

Se deos quando formou
ao o homen entendera
que era tam mala cousa
a molher, nom lhe la dera
ao homem por companheyra,
nem dele a nom fezera,
e se pera bem no fora
tanto nobre no s'avera.

Col. 3.^a Se o homem aa molher
 nom lhe quisesse bem,
 nõ teria tautos pressos,
 no amor quantos lhe tem;
 nem por sanctos nem por sanctas
 que seja nõ sabe quem,
 mais ame que su companha
 em este siso se mantem.

Segue-se no manuscrito tres strophes e meia da columna terceira, falando por tanto a traducção das strophes 101 a 112 do Arcipreste de Hita, signal de que o traductor não as encontrou no seu codice. Eis o original da versão das estrophes acima transcriptas da columna 2.^a

- St. 95. Como dise Salomon, é dise la verdat,
 Que las cosas del mundo todas son vanidat,
 Todas son pasaderas, vanse con la edat,
 Salvo amor de Dios, todas son liviandat.
96. Et yo desque vi la dueña partida et mudada,
 Dixe: querer do non me quieren, faria una nada:
 Responder do non me llaman, es vanidad probada;
 Partime de su pleyto, pues de mi es redrada.
97. Sabe Dios, que aquesta dueña, é quantas yo vi,
 Siempre quise guardarlas, et siempre las servi,
 Si servir non las pude, nunca las deservi,
 De dueña mesurada siempre bien escribi.
98. Mucho seria villano é torpe pajés,
 Si de la mujer noble dixiese cosa refés,
 Ca en mugor lozana, fermosa é ecrtés,
 Todo bien del mundo é todo plazer és.
99. Se Dios quando formó el ome, entendiera
 Que era mala cosa la muger, non la diera
 Al ome por companera, nin del non la fesiera,
 Si para bien no fuera, tan noble non saliera.
100. Si omen á la muger non la quisiese bien,
 Non ternia tantos presos el amor quantos tien,
 Por tanto nin santa que seya, non sé quien
 Non codicie compañã, si solo se mantien.

Depois da omissão de doze estrophes na traducção portugueza, (st. 101-112) segue-se o resto da columna terceira e a quarta, que comprehendem da estrophe 113 a 120, como se segue:

Os estrologos antigos
 dizê em a sciencia,
 eu digo da estrologia
 que é mui nobre sabença;
 que o homem quando naçe
 logo na sua nacença
 o ssino em que ele nace
 aquel o julga por sentença.

Esto disse Tholomeo
e assi o dise pratõ,
e outros grandes mestres
todos n'este acordo som,
qual he o açidente
e a sua costellaçom
daquelle que naçe, tal he
seu estado e o seu dom.

A y muytos que trabalham
muyto pela erelizia,
e aprendem grandes tempos,
despendem grande contia;
mas no cabo sabem pouco,
ca o seu fado os guya,
nem o podem dos mays
a esta estrologia.

Y outros entram em ordem,
por salvarem suas almas,
outros tomam officios
em querer husarem armas;
Col. 4.^a outros servem a senhores
con suas mãos antr'ambas,
porẽ muytos de aquestos
dam em terra d'ambas palmas.

Nom acabam em ordem
nem som grandes cavalleyros,
nem am mercê dos senhores,
nem erdam de seus dinheiros;
porque pode seer esto
creo ã ser verdadeyros
segundo natural curso
os meesteres estrolageiros.

Porque tu creas o curso
d'estes sinales a tales,
dizer-te ei hum juizo
som de cimquo naturales,
os quaaes julgaram hum nyno
per seus certos sinales,
deerom juizos muy fortes
pero d'acabados males.

Era hum rey de mouros
alcarás nombre avia,
e naçeulhe hum filho,
mays que aquel non tenia;
mandou per seus sabedores,
ca deles saber queria
o synal e a praneta
do filho que lhe nacia.

Antre aquelles estrologos
 que hi veerom para veer,
 veerom hi cimquo deles
 que eram de mayor saber;
 desde o ponto tomaram,
 no qual el ouve de naçer
 disse-lhe um dos maestros
 que apedreado hade seer.

Vejamos o correspondente texto original, cuja aproximação é preciosissima para a sua historia externa:

- St. 113. Los antiguos Astrologos disen en la sciencia
 De la Astrologia una buena sabencia,
 Quel omen quando nasce luego en su nascencia
 El signo en que nasce le jusgan por sentencia.
114. Esto dis Tholomeo, é diselo Platon,
 Otros muchos maestros en este acuerdo son;
 Qual es el ascendente é la costellacion
 Del que nasce tal es su fado et su don.
115. Muchos ai que trabajan siempre por clerizia,
 Deprenden grandes tiempos, espienden grant quantia,
 En cabo saben poco, que su fado les guia,
 Non pueden desmentir á la Astrologia.
116. Otros entran en orden por salvar las sus almas,
 Otros toman esfuerzo en querer usar armas,
 Otros sirven Señores con las sus manos ambas,
 Pero muchos de aquestos dan en tierra de palmas.
117. Non acaban en orden, nin son mas caballeros,
 Nin han merced de Señores, nin han de sus diñeros.
 Porque puede ser esto, creo ser verdaderos
 Segund natural curso los dichos estrelleros.
118. Porque creas el curso destes signos atales,
 Desirté un juisio de cinco naturales,
 Que judgaron un niño por sus ciertas señales,
 Dieron juisios fuertes de acabados males.
119. Era un Rey de moros, Alcarás nombre avia;
 Nascióle un fijo bello, mas de aquel non tenia,
 Embió por sus sabios, dellos saber querria
 El signo é la planeta de fijo quel nascia.
120. Entre los estrelleros quel vinieron á ver
 Vinieron cinco dellos de mas cumplido saber;
 Desde vieron el punto en que hovo de nascer
 Dixo el un maestro: apedreado hade ser.

A folha solta da antiga versão portugueza que aproximámos do original castelhano pertenceria por ventura a um codice completo, que se desmembrou;

que elle existia na livraria de el-rei D. Duarte é um facto indubitavel. Pela fórma da traducção, em que as quadras alexandrinas são reduzidas á outava da nossa redondilha octasyllabica, inferimos ser a traducção do proprio D. Duarte, porque assim o usou tambem na traducção do hymno latino de *Justus Judex*.

II

Fragmentos do uma traducção portugueza dos versos do marquez de Santillana

Nas *Obras ineditas* de Ayres Telles de Menezes, publicadas por Caminha em 1792, pondo de parte o que pertence realmente ao seculo XVI por ventura escripto por esse outro Ayres Telles que esteve captivo em 1578 em Africa, existem outras composições rigorosamente do seculo XV, e provavelmente escriptas por Ayres Telles, que figura no Cancioneiro de Resente. N'estes Ineditos de Caminha vem umas coplas (p. 87) que são uma traducção incompleta de uma Canção do Marquez de Santillana (ed. Amad. de los Ríos, p. 418):

Inedito de Caminha:

Original de Santillana:

I

Primeiro o rodante Céo
Se tornará manso e quieto,
Será piedoso Alecto
No seu escuro alvergue.

I

Antes el rodante cielo
Tornará manso e quieto
E será piadoso Electo ¹
E pavoroso Metello,
Que yo jamas olvidasse
Tu virtud,
Vida mia, é mi salut,
Nin te dexasse.

II

Cesar afortunado
Deixará de combater,
E obrigarão a desdizer
A Primiades armado.

II

Cesar afortunado ²
Cessará de combater,
E ficieran desdecir
Al Primiades armado,
Antes que yo te dexara
Idola mia,
Nin la tu philosomia
Olvidara.

III

Tulio emudecerá
E Tarsis sendo virtuoso,
Sardonapalo animoso,
Salomão inerte e rude.

III

Ciceron tornará mudo,
É Tarsides virtuoso,
Sandanapalo animoso,
Torpe Salomon é rudo;
En aquel tempo que yo
Gentil criatura,
Olvidasse tu figura,
Cayo só.

¹ VAR., de Ms. 59

² VAR. do Canc. do Castillo.

IV	IV
Tornar-se ha Ethiopia	Ethiopia tornará
Humida, fria e nevosa,	Humida, fria e nevosa,
Ardente a Citia e fogosa	Ardiente Cithia é fogosa,
Com espanto dos mortaes.	É Scylla reposita.
	Antes que el animo mio
	Se partiese
	Del tu mando é señorio
	Nin podiese.

V

Tudo emfim mudará
Sua fixa natureza,
Porém a minha tristeza
Hade vencer a morte.

V — XII

Seguem-se mais outo estrophes do
marquez de Santillana, sem relação
com a quinta portugueza, e dando á
canção um outro pensamento final.

Vê-se por este paralelo, que a versão portugueza é imperfeitamente traduzida; na primeira, terceira e quarta strophe ficou omissa a rima por incuria do traductor, que a fez com certeza sobre manuscriptos, como se vê pela variante 1.^a, e que por isso não entenderia o texto original. O Marquez de Santillana foi muito imitado no Cancioneiro de Resende; é este o primeiro signal que temos de se lhe ter traduzido os seus versos em portuguez, como se fez aos de Hernã Perez de Gusman. D'aqui se conclue que este inedito não é forjado por Caminha, como queria Innocencio por affirmação gratuita.

III

Fragmento de uma poesia portugueza do seculo XV

Fôra do *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, pouquissimas poesias se encontram do seculo xv, avulsas, podendo-se com certesa induzir que outras muitas composições se perderam, como o proprio Resende confessa. A aristocracia portugueza conservava o gosto pela poesia lyrica como uma distincção heraldica, e é por isso que a actividade poetica do seculo xv se concentrou toda nas côrtes de Affonso v, D. João II e D. Manuel. É possivel que appareçam de vez em quando algumas reliquias d'essa época fecunda, reliquias escapadas á curiosidade de Garcia de Resende; parece-nos que se deve considerar como taes algumas coplas ultimamente publicadas com o titulo: *Versos feitos por D. Pedro I, morto em 1367, sobre a tragica morte de sua esposa D. Inez de Castro* ¹.

Evidentemente essas coplas não pertencem ao seculo em que viveu D. Pedro I; acabara o gosto provençal, é verdade, mas ainda não estava creada a escola hespanhola representada pelo Cancioneiro de Baena, e estava longe ainda de vir a influir em Portugal. Os versos á morte de Inez de Castro são uma *lamentação*, como se usava no tempo do marquez de Santillana, e como o proprio Garcia de Resende escreveu na falla de Inez de Castro, uma das composições mais bellas do Cancioneiro Geral. Os versos a que alludimos foram escriptos como monologo de el-rei D. Pedro I, sem comtudo pretender

¹ Publicadas pela primeira vez por Balbi, *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal*, t. II, App. a Geographie litt., p. vu, e tambem ultimamente no *Almanak Progresso*, para 1878, p. 214, publicação de alguns jovens de Pombal. Caldas tem dois manuscriptos.

dal-os como compostos pelo apaixonado monarcha. As estrophes d'esses versos são formadas de uma quadra e uma quintilha, e em pura linguagem do seculo xv, talvez como imitação da composição de Garcia de Resende. Apesar de escripta no puro estylo do seculo xv, poder-se-hia suspeitar qualquer fraude litteraria contemporanea, em que podem cair os mais superciliosos, especialmente porque faltam informações acerca da proveniencia d'essa composição; porém, observando a estrutura é condições d'essa poesia, vêem-se alguns elementos de authenticidade. As estrophes não são todas perfeitas; n'uma falta-lhe um verso, e na ultima falta-lhe a quadra, por isso que não termina com o *cabo* da poetica do seculo xv. Eis o trecho lyrico, tal como deve ser restituído á litteratura portugueza:

Senhora, quem vos matou
Tenha forte desventura,
Pois tanta dor e tristura
A vós e a mi causou.
E pois no vim mais asinha
Tolher vossa triste fim,
Recebo-vos, vida minha,
Per senhora e per rainha
D'estes reinos e de mi.

Estas feridas mortaes
Que pelo meu se causarom,
Nom uma vida e nom mais
Mas duas vidas matarom;
A vossa acabou jaa,
Pelo que nom foi culpada;
A minha, que fica caa,
Com saudade seraa
Pera sempre magoada.

Oh crueldade tam forte,
E injustiça tamanha!
Viu-se nunca en Espanha
Tam cruel e triste morte?
Contar-se-ha per maravilha;
Minha alma, tam verdadeira,
Pois morreis d'esta maneira,
Eu serei a torturilha
Que lhe morre a companheira.

Hi, senhora, descaçada
Porque vos fico eu quaa,
Que vossa morte seraa,
Se eu viver, bem vingada.

.....
Por isso quero viver,
Que se per isso não fôra,
Melhor me fôra, senhora,
Com vosco logo morrer.

.....

 Sangue do meu coração,
 Ferido coração meu,
 A quem assi per chom
 Vos espargeu sem razom,
 Eu lhe tirarei o seu.

Sabe-se da existencia de varios Cancioneiros portuguezes do seculo xv, uns totalmente perdidos, como o do Frei Martinho, de Alcebaça, outros ainda existentes como o de D. Francisco Coutinho, conde de Marialva, visto em Barcelona por D. Mariano Soriano Fuertes. O fragmento que aqui compilamos pertence com certeza á eschola hespanhola, que dominou em Portugal na segunda metade do seculo xv e primeiro quartel do seculo xvi, e revela-nos a existencia de algum caderno perdido d'essas compilações de versos lyricos que caíram de moda com a introdução da eschola italiana. Uma garantia, accidental mas tambem apreciavel da sua authenticidade, é o serem ignoradas pelos nossos poetas actuaes as caracteristicas particulares da poetica palaciana do seculo xv, e mesmo a falta de intuito archaico na linguagem, por onde quasi sempre os falsificadores litterarios se revelam. Tirando estes versos das condições casuaes de um livro de estatistica, e collocando os sob o aspecto historico em que devem ser criticados, temos em vista chamar a attenção dos que estudam, para que não continue a ser este monumento tão ignorado como quando o publicaram em nome do rei D. Pedro i. Outros fragmentos de poesia do seculo xv escripta na lingua portugueza se encontram em manuscrito examinado por D. Francisco Arsenjo Barbieri em um codice da Bibliotheca do rei de Hespanha, que tem na lombada o titulo *Libro de Cantos*; este codice foi copiado durante a epoca da revolução de 1868, n'elle achou o illustre maestro quatro composições portuguezas. O eminente philologo Dr. Jules Cornu, no seu exame linguistico do *Poema de Alfonso Onceno* chegou tambem á conclusão de que esse celebre poema conserva os vestigios de um original portuguez que julgamos ser o poema de Alfonso Giraldes sobre a Batalha de Salado, hoje perdido.

THEOPHILO BRAGA

POESIA

O INCOGNOSCIVEL

O POETA

«Ó minha lyra eburnea, ó minha lyra santa,
Deixa que hoje dedilhe um hymno mais sonoro
Que o vento na floresta,
O vento que ao passar nos ramos leves canta;
Deixa-me celebrar as causas que eu ignoro
Da unisonante festa;

«Os *principios* e os *fins* de tudo quanto existe
No céu, no mar, na terra, em luz ou trêva immerso,
As origens distantes,
Quero cantar, ó lyra, ó minha lyra triste;
Mas quem me ensina agora o berço do universo,
Das estrellas brilhantes?

«Sacerdotes, passae, ó pallidos levitas,
Columnatas da crença, humildes Zoroastros,
Philosophos modernos;
Passae, todos, passae, as verdades escriptas
Nas Biblias me direis, quem faz luzir os astros?
Quem fez os sóes eternos?»

Assim elle bradou olhando o céu ignoto
E viu passar em fila os rudes demiurgos,
Os fetiches rachiticos
Da primitiva crença, o Pantheon remoto,
E os deuses sensuaes dos Numas, dos Lycurgos
Dos velhos poemas mythicos.

Viu Brahma e Viehnú, viu Astoreth e Osiris,
 Os deuses de Phenicia, Egypto, India, Chaldêa,
 Os de Homero e Virgilio,
 Viu Jehováh, Jesus, Allah, deus dos emires,
 Viu passar toda a magna e lucida chorêa
 E sumir-se no exilio.

Desfizeram-se em fumo antigas theogonias,
 Deuses e crenças vãs; depois, ante seus olhos
 O poeta viu passar
 Entidades, visões, escuras fantasias,
 Filhas da vacuidade, e filhas dos escolhos,
 E solver-se no ar.

O céu ficou sereno, em volta olhou o vate
 E viu em cima o azul e em baixo o negro abysmo.
 O sol já no occidente
 Lança sanguinea luz, tingindo de escarlate
 As nuvens do horisonte, e o mar em paroxismo
 Levanta a voz potente.

O POETA

«Ó Natureza, ó madre, ensina-me! os arcanos
 Mostra-me de teu seio, e dize-me quem fez
 As cousas, o universo!
 Quero compôr um hymno e proclamar os planos,
 As causas do que existe, e cheio de altivez
 A Origem pôr em verso.

«Em vão interroguei a Biblia, os Evangelhos,
 Os Védas, O Corão, o Ritual dos mortos,
 Velhas cosmogonias
 E religiões de outr'ora! Em vão! os livros velhos
 Desfizeram-se em pó, intellectuaes abortos,
 Falsas philosophias!

«Era tudo illusão e tudo metaphysica!
 Não existia Deus, o omnipotente Sello
 Das crenças revelladas!
 Mas tu, ó Natureza, ensina-me da physica
 As primitivas leis e d'essas leis o élo,
 —As causas afastadas!»

E o poeta viu no azul do vasto firmamento
Circulos descrevendo e lucidas ellipses
Os luminosos astros;
Os planetas e os sóes ás leis do movimento
Sujeitavam o collo e produzindo eclipses
Cruzavam os seus rastros.

A luz enchia o espaço illuminando os mundos.
Prepassavam no vento as vozes das florestas
E os soluços do mar;
Os perfumes floraes erguíam-se dos fundos
Valles, e na montanha e no campo as giestas
Embalsamavam o ar.

Das aguas o vapor no céu se condensava
Em nuvens e, caindo em argentinios fios,
Alimentava a terra;
Abrindo-se a semente á luz do sol brotava
No solo a verde folha; e viu nascer pastios;
Viu o que o mundo encerra.

O poeta abriu o espaço, erguendo o telescópio,
E leu as grandes leis nas potentes massas
Do campo sideral;
A cellula, a monera expoz ao microscópio;
Estudou o organismo, os animaes, as raças,
O todo universal.

O POETA

«Em vão, em vão procuro as causas primitivas,
O deus ou lei primeira, o creador do mundo,
O architecto supremo!
Em vão! só leis encontro e leis só relativas!...
O principio absoluto, eterno e mais profundo
Em parte alguma extremo!»

Deixou cair a lyra, e triste, sem alento,
Ficou silencioso, olhando a terra escura.
Mas no seio, invisível,
Horrenda voz lhe brada: — «Achar-me é vão intento!
Já me chamaram Deus, chamaram-me Natura
E eu sou o *Incognoscivel!*»

TEIXEIRA BASTOS.

BIBLIOGRAPHIA

Sonetos, por Anthero do Quental. Porto, 1881. In-8.º de 32 pag.

Filigranas, por Freitas e Costa, Porto, 1880. In-32. de 88 pag.

A abundancia de versos na litteratura portugueza, a sua perfeição artistica, a variedade dos sentimentos que exprimem, põem a critica em um terrivel embarço; como julgar esta exuberancia de vida affectiva, senão procurando se ha n'esta manifestação algum intuito? Aqui temos dois productos d'essa actividade sentimental de indole bem diversa, filhos da mesma expansão incoherente; os *Sonetos* de Anthero do Quental exprimem o deslento moral de um espirito doente, a preocupação e a voluptuosidade da morte, a vaga ondulação mental que fica de uma sobreexcitação do cerebro; as *Filigranas* de Freitas e Costa encerram os éstos de uma natureza sanguinea, activa, filha d'esse clima da Africa, que lhe dá a ardencia do desejo, a vehemencia da linguagem, e o prurido lubrico de uma imaginação que pinta o que não pôde obter. Anthero do Quental teve uma educação humanista, universitaria, e porventura, deve a esse meio dissolvente de Coimbra, a essa dialectica escholar que se exercia sobre as entidades metaphysicas de Hegel, o quietismo da sua existencia que se deixa afundar n'uma inanidade mystica; Freitas e Costa teve o apoio das sciencias naturaes nos cursos polytechnico e medico, e o seu vigor vem-lhe tambem d'essa saudavel disciplina de espirito. Tanto os *Sonetos* como as *Filigranas* são bem metrificadas, têm altura de pensamento, exprimem paixões desalentadas ou cheias de esperança; mas no fim perguntamos a nós mesmos — o que falta a estes versos para que sejam verdadeiras obras de arte. Falta-lhes o que

nos falta a nós todos; a fôrma e o espirito da Poesia que deve corresponder ao estado da consciencia moderna. É que a obra de arte não pôde ser unicamente elaborada pelo artista, tirando do seu subjectivismo os elementos que a constituem; ha um factor alheio ao artista e que collabora com elle, é a multidão, o povo, a sociedade, a collectividade nacional emfim, que lhe fornecem o elemento natural da tradição, a qual o artista idealisa dando-lhe a fôrma com que é renovada e mais vigorosamente universalizada. Todos os grandes artistas modernos se esquecem d'este factor, concentram-se no seu espirito, tiram tudo de si, e assim como os organismos que se tornam mais pequenos á medida que a sua evolução morphologica se exerce no sentido interno, tambem os artistas são mais individuaes e mais pequenos nos intuitos, exercendo a sua actividade nos detalhes do estylo, da metrificacão, da rima, das imagens, nos pequeninos recursos de effeito. São como as lindas plantas de estufa, alentadas em um meio artificial; falta-lhes o grande communicacão de ar livre e vivificante da multidão. Os talentos novos deviam procurar o meio de restabelecer esta alliança que em tempos antigos produziu todas as fôrmas da arte grega, e ainda na idade media provocou um extraordinario vigor esthetico, que não saiu do seu estado rudimentar não só em virtude da instabilidade politica d'essa época fecunda, como da posterior direcção erudita dos espiritos que iniciaram a Renascença pela imitação das obras correlativas a um outro estado social. É certo que o estado mental moderno produz um outro estado da consciencia humana, e que esta modificacão que se revela pelas noções moraes actua sobre os costumes e fôrmas da actividade social; enquanto se faz a transição, n'esse periodo da revolução franceza e nas reacções inconscientes da Santa Alliança, appareceu um espirito superior, Byron, que idealisou os seus cantos dando fôrma ao mal estar moral de uma epoca perturbada por forças repressivas, e a sua eloquencia e sublimidade veiu-lhe do protesto. Byron, como notou admiravelmente Augusto Comte. (*Cours*, vi, 366) foi o genio que deu uma energica expressão ideal a este estado de retrogradação transitoria, como um grito de uma consciencia atropellada. Essa phase passou, e preponderam as forças propulsivas dos dois grandes poderes novos que se affirmam, a unificacão mental pela *sciencia* e as applicações ao bem estar geral pela *industria*. É d'esta phase que deve sair a poesia nova; mas como? Pondo a sciencia em verso? Não! Procure-se a altura social correspondente a estes progressos intellectuaes, e formule-se a aspiracão que a agita; é assim que se hade estabelecer o accordo e a collaboracão entre a multidão e o artista, e só assim e que se faz poesia nova e se é grande. A exuberancia esthetica no nosso paiz significa realmente que

não contribuimos para a corrente scientifica do seculo; vamos mais atraz, e só nos movemos ainda por impulsos de ordem affectiva. N'este caso a poesia é ainda um meio de propaganda, e tem de ser provisoriamente revolucionaria, porque sendo a sciencia entre nós official, só a poesia é que pode provocar curiosidades de espirito e suggerir lampejos de rasão em uma sociedade para a qual o ter ideias é um mal estar. Pela situação em que nos achamos, podemos apresentar bons poetas e bons poemas, mas falta-lhes o meio que os torna grandes,

THEOPHILO BRAGA.